



PLURIVERSO
RECURSOS DIGITAIS
EM ATUALIZAÇÃO

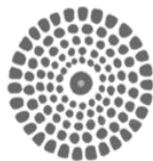
AUGUSTO RODRIGUES DE SOUSA
LEDIANE FANI FELZKE (organizadores)

PROJETO 2

CAÇADOR DE MIM

Mapeando os
próprios lugares





PLURIVERSO
RECURSOS DIDÁTICOS
EM ATROPERSPECTIVA

AUGUSTO RODRIGUES DE SOUSA
LEDIANE FANI FELZKE
(ORGANIZADORES)

PROJETO 2

CAÇADOR DE MIM

Mapeando nossos lugares

Ana Alexandrina Silva Pinheiro • Caliel Ritse de Almeida Silva • Danielle Menezes Marielle • Gabriele Matos da Vale • Jeanderson Ferreira dos Santos • Jorge Henrique Magno Barbosa • José Gabriel Soares de Oliveira • Karen Emanuely Ribeiro Raimundi • Larissa do Nascimento Macedo • Levir Pereira do Nascimento • Luís Felipe Ferreira da Silva • Matheus da Silva Costa • Rebeca Lopes Freitas • Rian Guilherme Braga de Lima • Tamíris da Silva Borba



INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DE RONDÔNIA (IFRO)
ProfEPT- Programa de Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica
Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros e Indígenas do Instituto Federal de Rondônia- NEABI/IFRO
Grupo de Pesquisa em Temáticas Étnicas da Amazônia- GETEA/IFRO

Integrantes da Pesquisa

Augusto Rodrigues de Sousa (org.)
Dra. Lediane Fani Felzke (orientadora)
Ana Alexandrina Silva Pinheiro
Caliel Ritse de Almeida Silva
Danielle Menezes Marielle
Gabriele Matos do Vale
Jeanderson Ferreira dos Santos
Jorge Henrique Magno Barbosa
José Gabriel Soares de Oliveira
Karen Emanuely Ribeiro Raimundi
Larissa do Nascimento Macedo
Levir Pereira do Nascimento
Luís Felipe Ferreira da Silva
Matheus da Silva Costa
Rebeca Lopes Freitas
Rian Guilherme Braga de Lima
Tamiris da Silva Borba

Imagem da capa

Saulo de Sousa

Diagramação

Grupo do Projeto de Pesquisa
Pluriverso- alunos do Instituto Federal
de Rondônia- Campus Calama

Dados internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

S725p

Projeto 2 Caçador de Mim: mapeando nossos lugares/ Augusto Rodrigues de Sousa e Lediane Fani Felzke, Porto Velho: NEABI/IFRO; Ji-Paraná: GETEA/IFRO, 2020.

1,56 MB

ISBN: 978-65-991624-9-7

1. Territorialidades. 2. Lugar de Fala. 3. Relações Raciais. 4. Projeto de Ensino. I. Título.

CDD: 100
CDU: 501(075.3)



Este trabalho está licenciado sob uma Licença Creative Commons Atribuição-Compartilha Igual 4.0 Internacional. Para ver uma cópia desta licença, visite <http://creativecommons.org/licenses/by-sa/4.0/>.

Cara educadora e caro educador,

A cartilha que você tem em mãos faz parte de uma coleção de projetos educativos oferecida pelo site “Pluriverso”, criado como portfólio para os resultados de pesquisa no Programa de Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica (PROFEPT) no Instituto Federal de Rondônia- IFRO (Campus Calama). A coleção foi idealizada como materialização de uma estratégia para o ensino de Humanidades em afroperspectiva e no contexto da Educação Profissional e Tecnológica, proposta como produto educacional pelo pesquisador e pelo grupo de participantes da pesquisa.

A estratégia de ensino e os projetos dela resultantes foram construídos coletivamente, com alunas e alunos do ensino técnico integrado ao médio da instituição e levam em conta **temas do cotidiano dos próprios jovens**, as **referências curriculares previstas na Base Nacional Comum Curricular (BNCC)** e, principalmente, a consideração pela **diversidade étnico-racial**, proposta pelos princípios da educação básica no Brasil e pelas leis 10.639/2003 e 11.645/2008 que convidam à valorização da história e a cultura africanas, afro-brasileiras e indígenas na educação básica.

No projeto “Caçador de mim: mapeando os próprios lugares”, refletimos sobre os “lugares” e “territorialidades” que cada um ocupa e como esses espaços definem identidades sócio-políticas no interior da coletividade. Partimos da leitura da obra “Quarto de Despejo, diário de Carolina Maria de Jesus e do diálogo com outras fontes de inspiração filosófica.

Com estas propostas esperamos oferecer recursos práticos e acessível a todos os que sonham e procuram abrir trilhas para a educação integral.

Augusto Rodrigues de Sousa e Lediane Fani Felzke

Organizadores

Panorâmica do Projeto

Caçador de Mim: mapeando os próprios lugares

Questão Orientadora

Quais são os “nossos lugares” enquanto jovens da classe trabalhadora?

Descrição do Projeto

A partir da leitura da obra “Quarto de Despejo-diário de uma favelada” de Carolina Maria de Jesus, os alunos refletirão acerca dos seus próprios “lugares de fala” e das territorialidades que ocupam. Do mesmo modo, refletirão sobre como essas territorialidades influenciam na constituição de suas identidades sócio-políticas no interior da coletividade.

Produtos educativos

Os alunos escreverão elaboração um “mapa” dos espaços juvenis da cidade. O mapa pode ser produzido através de recursos impressos (cartilhas, livretos) como digitais (Google Expeditions). O mapa deve contar com descrições mais profundas que a simples descrição dos locais, como quem é o público que mais frequenta, o que os frequentadores acham do espaço e como aquele espaço faz parte de suas vidas, etc.

Os Valores Civilizatórios Afro-Brasileiros

O Projeto “Caçador de Mim- Escrevendo a própria história” está construído de tal forma que se enfatize o diálogo de diferentes fontes de produção do conhecimento, com destaque para a produção filosófica afrocêntrica e a literatura produzida por mulheres negras e indígenas.

Junto aos conteúdos, as estratégias de ensino procuram ajudar os alunos a desenvolver os valores civilizatórios afro-brasileiros, a saber:

Circularidade

Religiosidade

Corporeidade

Musicalidade

Memória

Ancestralidade

Cooperativismo

Oralidade

Energia Vital

Ludicidade

Para saber mais sobre os valores civilizatórios acesse: <http://www.acordacultura.org.br/oprojeto>

PERSONALIZANDO O PROJETO

Nosso projeto foi criado a partir de uma experiência de grupo, de modo que talvez você sinta necessidade de utilizar outras estratégias e recursos. Use as questões abaixo para decidir como tornar o projeto mais autêntico e significativo para suas alunas e alunos.

Sobre os alunos

- Como os alunos se sentiriam mais motivados em abordar esse tema? Lendo um livro? Assistindo filmes? Discutindo músicas?
- Como você pode ajudar as alunas e os alunos a reconhecer seus lugares de fala e seus “lugares” de sociabilidade no espaço urbano?
- Como ajudar os alunos que têm dificuldades com o uso de recursos como mapas e Google Expeditions?
- Que possibilidades você pode planejar para suas alunas e alunos com dificuldades na escrita/fala ou que são tímidos para participar de um grupo ou expor ideias nas rodas de conversa ou nas apresentações?
- Que oportunidades de feedback você pode incorporar ao processo para que suas alunas e alunos tenham consciência do caminho didático que estão vivenciando?

Sobre o contexto

- Quem podemos convidar para avaliar os mapas produzidos?
- Quem podemos convidar para participar do evento final chamado “Seminário de Espaços Juvenis?”, coletivos, ong’s, órgãos de trabalho com a juventude, os outros alunos da escola.
- Existe algum ambiente que possa servir como local para realizar as apresentações (quadra, auditório, teatro local, anfiteatro, etc, praça, etc.)

Sobre conceitos e habilidades

- Que conceitos e conteúdos você considera importante que suas alunas e alunos se apropriem nesse projeto?
- Quais habilidades suas alunas e alunos podem desenvolver com o projeto?
- Que tipos de abordagens instrucionais você pode se utilizar para que as alunas e os alunos se apropriem dos conceitos e conteúdos e desenvolvam as habilidades? (oficinas, dinâmicas, rodas de conversa, grupos de estudo, leituras individuais, etc.)

Etapas e Passos do Projeto

As etapas e passos do projeto compõem a estratégia de ensino de filosofia construída coletivamente e proposta como produto educacional da pesquisa de mestrado que originou este material. Para saber mais sobre a estratégia de ensino e suas referências teóricas acesse o site do projeto: <http://pluriversoept.com>.

PRIMEIRA ETAPA: SENSIBILIZAÇÃO		
Passo 1: Evento de Abertura e conversa sobre o evento de abertura	Passo 2: Apresentação do Projeto, combinações e acertos e organização dos grupos.	Passo 3: Apresentação do texto referencial “Quarto de Despejo” e primeiros contatos com a obra e a autora
SEGUNDA ETAPA: PESQUISA E TODAS DE CONVERSA		
Passo 1: Leitura e pesquisa em diferentes fontes e rodas de conversa em pequenos grupos e em plenário, a partir de questões oferecidas pelo professor.	Passo 2: Roda de conversa final sobre as leituras e pesquisas realizadas.	
TERCEIRA ETAPA: PRODUÇÃO		
Passo 1: Oficinas para produção de mapas no Google Expeditions ou com recursos impressos.	Passo 2: Seleção dos espaços a serem demarcados no mapa e produção dos comentários de apresentação dos espaços para os leitores.	Passo 3: Entrega dos mapas escritos ou do link de acesso da exposição google.
QUARTA ETAPA: AVALIAÇÃO		
Passo 1: Autoavaliação e avaliação pelos pares e partilha		
QUINTA ETAPA: CELEBRAÇÃO		
Passo 1: Passeio por algum dos “rolês” (expedições) sugeridos pelos alunos		

Etapa 1

SENSIBILIZAÇÃO



PASSO 1

Evento de abertura

É interessante que o projeto integrador comece com uma experiência marcante que dê ao grupo a energia necessária para a discussão da questão orientadora, o processo de pesquisa e a construção dos próprios produtos educacionais. Essa atividade inicial, que chamamos de evento de abertura, pode ser real ou virtual, mas o importante é que ajude os alunos a perceberem que o conhecimento nasce e se articula com a vida concreta.

A escolha da atividade a ser realizada depende da realidade concreta da escola e do projeto: quantos professores estão envolvidos diretamente no projeto? Dispomos de quanto tempo e de quanto em recursos financeiros ou materiais? Temos acesso à internet para todos? Essas são questões que podem ajudar na hora de definir a atividade.

Sugerimos duas propostas para o evento de abertura: uma expedição de ônibus por pontos turísticos da cidade ou uma expedição virtual via “Google Expedições”. Qualquer uma das propostas pode ser seguida por uma roda de conversas a partir da música “As Caravanas” de Chico Buarque.

PROPOSTA 1 EXPEDIÇÃO PELA CIDADE

Caso a escola disponha de condições os alunos podem fazer uma expedição de ônibus em pontos específicos da cidade, conforme for mais conveniente: áreas de lazer, igrejas, locais históricos, praças, pontos de comércio, etc. O professor pode solicitar ajuda de um guia ou do professor de geografia ou história para realizar a expedição. É interessante que seja produzido um roteiro impresso ou virtual (para ser acessado nos smartphones) para que os alunos acompanhem.

PROPOSTA 2 EXPEDIÇÃO VIRTUAL

Se não for possível realizar a visita real pela cidade, o professor pode conduzir com os alunos uma das visitas virtuais propostas pelo Google Expeditions. Façam o download do aplicativo “Google Expeditions” nos seus smartphones e explorem cidades e localidades (o aplicativo oferece inclusive recursos de realidade aumentada).

Para saber mais acesse

- Artigo “[Dê vida às aulas com o Expedições](#)” da Google ForEducation;
- Vídeo “[Da Lua ao Fundo do Mar](#) - Minicurso de Google Expeditions”
- Para criar os próprios “óculos de realidade aumentada assista ao vídeo “[Como fazer o óculos de realidade virtual caseiro | Como fazer o GOOGLE CARDBOARD](#)” do Manual do Mundo.
- Se optar pelo uso do óculos, os alunos podem fazer uma oficina prévia para montar os próprios óculos. Atenção: as lentes são específicas e podem ser encontradas em sites de compra pela internet. Veja se realmente vale a pena.
Caso a escola queira investir também é possível comprar os Google Carboards (óculos de papelão) pela internet.

APÓS A EXPEDIÇÃO: RODA DE CONVERSA

Na aula seguinte ao evento de abertura os alunos realizam uma roda de conversa sobre a experiência vivida e sobre a dicotomia centro x periferia a partir da canção “As Caravanas” de Chico Buarque.

O professor pode iniciar perguntando o que os alunos acharam da expedição, se já tinham participado de outras expedições antes, se existem outros lugares na cidade que poderiam servir como pontos para expedições.

Após essa conversa inicial o professor explica a atividade de escuta e conversa a partir da música “[As Caravanas](#)” de Chico Buarque. Para a roda de conversa sugerimos que se utilize da estratégia “[Conselho da Cidade](#)”.

Na música “As Caravanas” Chico Buarque faz uma crônica irônica do desconforto dos moradores da Zona Sul do Rio Janeiro quando tem suas praias “invadidas” pela população das periferias. A música é carreta de estereótipos e da explícita sensação de “estranhamento” diante do “outro”.

Para aprofundar conhecimentos acerca da música:

[ARTIGO- As caravanas- Um professor lê.](#)

[VÍDEO- Chico Buarque “As Caravanas” \(Entendendo a Música\)](#)



CONSELHO DA CIDADE

ESTRATÉGIA DE ENSINO PARA RODAS DE CONVERSA

O conselho da cidade é uma instituição que valoriza a participação da sociedade civil, representada por uma série de organizações, nas decisões políticas das cidades. É uma prática comum também nas atuais comunidades quilombolas e indígenas, nas quais se realizam periodicamente reuniões com os representantes das mais diversas forças da comunidade.

A estratégia de ensino “Conselho da Cidade” imita o processo de uma reunião de conselhos, na qual os membros da comunidade tomam a palavra para compartilhar sua perspectiva sobre um tópico de preocupação. Usando esse formato, os alunos têm a oportunidade de se confrontar com diferentes perspectivas acerca do tema e, ao assumir inclusive uma postura que não é naturalmente sua, aprender a dar ouvidos ao outro e perceber que nossas percepções são sempre limitadas a uma perspectiva que não oferece a totalidade da verdade.

PROCEDIMENTO

1. Selecione as leituras básicas: Dependendo do tema você pode selecionar uma leitura diferente para grupo de modo que cada um assuma uma perspectiva diante de um tema. No nosso caso, selecionamos apenas um texto, a letra da música “As Caravanas”.

2. Divida os grupos conforme as diversas perspectivas: Os grupos podem ser: os moradores da zona sul que apresentam a reclamação, a associação de moradores das comunidades do subúrbio, o gabinete do prefeito (de linha conservadora), o gabinete de um vereador (de linha progressista), a ordem dos advogados, o ministério público, etc.

3. Os grupos leem o texto e discutem entre si a pauta que levarão para o conselho da cidade: Cada grupo lê o texto e ouve a música sob o ponto de vista do seu grupo e elencam quais os problemas sociais que se apresentam no texto, quais as causas, como o problema pode ser solucionado, etc.

4. Os grupos escolhem um representante para a reunião do conselho: Esse representante deve anotar todas as pautas que pretende levar para a reunião com o aval do seu grupo.

5. Hora da reunião: No momento da reunião do conselho coloque-se as cadeiras dos representantes dos grupos no centro da sala e as cadeiras dos demais num círculo maior em volta dos representantes. O professor deve deixar claro que qualquer pessoa pode expressar sua opinião, mas para fazê-lo deve se aproximar do seu representante, tocar-lhe o ombro e assumir seu posto (o representante vai sentar-se no círculo maior).

Cada representante resume as observações apresentadas pelo seu grupo. Sem que haja objeções dos demais no momento.

Após todos os representantes terem falado, abre-se a discussão para todos que quiserem responder, comentar, apresentar soluções. Lembrar apenas que só é possível falar estando no círculo interno.

6. Encerrada a reunião: O professor oferece a oportunidade de uma discussão mais ampla acerca do que aprendemos com essa estratégia de ensino, como suas ideias ou tópicos mudaram durante a discussão, como se sentiram assumindo um ponto de vista que não necessariamente é o seu, etc. Frisar ainda o conflito entre centros e periferias na lógica da música.

AS CARAVANAS

Chico Buarque

É um dia de real grandeza, tudo azul
Um mar turquesa à la Istambul enchendo
os olhos
Um sol de torrar os miolos
Quando pinta em Copacabana
A caravana do Arará, do Caxangá, da
Chatuba...
A caravana do Irajá, o comboio da Penha
Não há barreira que retenha esses
estranhos
Suburbanos tipo muçulmanos do
Jacarezinho
A caminho do Jardim de Alá

É o bicho, é o buchicho, é a charanga. Diz
que malocam seus facões e adagas
Em sungas estufadas e calções disformes
É, diz que eles têm picas enormes
E seus sacos são granadas
Lá das quebradas da Maré.

Com negros torsos nus deixam em
polvorosa
A gente ordeira e virtuosa que apela
Pra polícia despachar de volta
O populacho pra favela
Ou pra Benguela, ou pra Guiné

**Sol, a culpa deve ser do sol
Que bate na moleira, o sol**

Que estoura as veias, o suor
Que embaça os olhos e a razão. E essa
zoeira dentro da prisão
Crioulos empilhados no porão
De caravelas no alto mar

*Tem que bater, tem que matar, engrossa a
gritaria*

Filha do medo, a raiva é mãe da covardia

Ou doido sou eu que escuto vozes

Não há gente tão insana

Nem caravana do Arará

Não há, não há

Sol, a culpa deve ser do sol
Que bate na moleira, o sol
Que estoura as veias, o suor
Que embaça os olhos e a razão

E essa zoeira dentro da prisão
Crioulos empilhados no porão
De caravelas no alto mar

*Ah, tem que bater, tem que matar,
engrossa a gritaria*

Filha do medo, a raiva é mãe da covardia

Ou doido sou eu que escuto vozes

Não há gente tão insana nem caravana

Nem caravana

Nem caravana do Arará

PASSO 2

Apresentação do Projeto, combinações e acertos e organização dos grupos.

1 Apresente aos alunos o [Contrato de Aprendizagem](#) do Projeto e decidam alguns elementos em comum.

2 No fim das atividades propostas, o professor **apresenta aos alunos os grupos de trabalho** no decorrer do projeto. Acreditamos que seja interessante que o próprio professor organize os grupos, como um modo educativo de preparar os alunos para trabalhar em diferentes equipes, favorecer o conhecimento mútuo de toda a turma e evitar “panelinhas”.

3 Este passo visa favorecer o entrosamento do grupo através de uma atividade de produção da “identidade do grupo”, com a definição de uma marca, símbolo ou mascote, da sua missão, visão e valores e uma breve apresentação no estilo “Quem somos” dos sites de empresas.

Caso haja possibilidade de que cada grupo trabalhe com um computador, conectado à internet, o professor pode solicitar que os alunos atuem colaborativamente em um blog (sugerimos o Blogger do Google, pela praticidade) ou no mural do padlet. Utilize os últimos minutos da aula para que os alunos a partir dos próprios computadores leiam e comentem os murais ou postagens dos colegas.

[Clique aqui caso precise de dicas para usar o Blogger.](#)

[Clique aqui caso precise de dicas para usar o padlet.](#)

Caso não haja acesso à internet os grupos podem fazer cartazes com os elementos solicitados na cartolina e apresentar nos últimos minutos de sala, afixando os cartazes em sala para memória coletiva. O professor pode dinamizar ainda mais esse momento disponibilizando cartolinas de cores diferentes que identifiquem cada grupo (caso prefiram podem também usar camisetas para casa grupo, e reservar uma aula para que os alunos pintem as camisetas).

PASSO 3

APRESENTAÇÃO DO TEXTO REFERENCIAL

A etapa de sensibilização se encerra com a apresentação do material que servirá de referência para as pesquisas e rodas de conversa. No caso deste projeto vamos ler juntos a obra “Quarto de Despejo- diário de uma favelada”, de Carolina Maria de Jesus, que pode ser comprado ou encontrado em versões digitais gratuitas para download na internet.



Ao trabalhar um texto literário e, não eminentemente filosófico, ajudamos as alunas e alunos a expandir seu repertório cultural e a pensar filosoficamente a partir de diferentes estímulos.

Para favorecer a curiosidade dos alunos no primeiro contato com a obra pode-se seguir o procedimento abaixo para [apresentação de um novo livro em sala de aula](#).

PROCEDIMENTO

- 1. Analisar a capa:** Para iniciar, disponha os alunos em círculo e apresente apenas a capa do livro que “Quarto de Despejo-diário de uma favelada”. A partir da leitura do título e das ilustrações da capa, os alunos podem anotar no caderno que expectativas têm acerca do livro, de que temas deve tratar, se conhecem a autora e outras impressões. Após a anotação podem partilhar entre si, em duplas, trios, ou nos próprios grupos de trabalho.
- 2. Abrir o livro:** peça que os alunos folheiem o livro e registrem anotações de frases ou imagens que lhes chamarem atenção. Os alunos anotam também perguntas e curiosidades que a rápida “passada de olhos” pelo livro lhes despertou.
- 3. Compartilhar previsões e perguntas:** em pequenos grupos ou com toda a sala os alunos partilham as previsões e perguntas que o primeiro contato com o livro os suscitou. Pode-se gerar uma lista das perguntas em um cartaz e afixá-lo no mural ou parede da sala, de modo que, conforme os alunos leem o livro possam respondê-las diretamente no cartaz ou em post-its. Aproveite para comentar aspectos do livro que os alunos possam não ter percebido, como a história de sua publicação, glossário, informações sobre a autora, etc.

PARA CONHECER MAIS CAROLINA DE JESUS E A OBRA QUARTO DE DESPEJO:

- Artigo “[Carolina Maria de Jesus](#)”;
- [E-Biografia](#) de Carolina Maria de Jesus;
- Vídeo “[Quem foi Carolina Maria de Jesus?](#)”;
- Curta Metragem [Carolina Maria de Jesus](#);
- Vídeo: [Carolina de Jesus canta suas composições](#).



PLURIVERSO
RECURSOS DIDÁTICOS
EM AFRO-PERSPECTIVA

Carolina Maria De Jesus

Etapa 2

PESQUISA E RODAS DE CONVERSA



PASSO 1

Leituras e pesquisa em diferentes fontes e rodas de conversa em pequenos grupos e em plenário, a partir de questões oferecidas pelo professor.

O livro “Quarto de Despejo- diário de uma favelada” foi escolhido como obra referencial desse projeto por apresentar a experiência de Carolina Maria de Jesus que relata a vida na São Paulo dos anos de 1950 e 1960 a partir do seu lugar de fala como mulher negra, mãe, catadora de papel e favelada. A partir do seu diário, ou seja, falando de si mesma, Carolina nos insere para o universo da favela, da fome, do subemprego, dos dias de desesperança e tristeza. Um universo que ainda hoje aprisiona milhares de brasileiras e brasileiros. Ao mesmo tempo é uma obra que se conecta profundamente com a teoria decolonial pois apresenta uma pessoa marginalizada que produz conhecimento, poesia, arte, etc., através da escrita do livro.

Quando de sua publicação, muitos duvidaram que o livro houvesse sido realmente escrito por Carolina, por detrás dessa reação dos “ilustres” havia o preconceito que Spivak expõe em sua obra “Pode o subalterno falar?”, isto é, havia a desconfiança de que a mulher negra e catadora e papel pudesse escrever daquela maneira.

A partir da leitura do livro (ou de trechos dele, caso seja difícil disponibilizar o livro a todos os alunos ou grupos) o projeto convida os alunos a pesquisar relações entre a leitura dos textos e outras temáticas filosóficas pluriversais (ou seja, com diferentes enfoques epistemológicos), com os quais podemos proporcionar aos alunos a vivência da experiência de filosofar a partir do estímulo literário.

Essa etapa visa desenvolver nos alunos o espírito de **autonomia na leitura e na pesquisa**, ao mesmo tempo em que, por ser uma atividade realizada em grupo, favorece a vivência da **pesquisa como atividade comunitária**. Para orientar a pesquisa o projeto propõe algumas **questões norteadoras no contrato de aprendizagem**. A seguir apresentamos chaves de leitura para você ajudar os alunos em cada uma das questões propostas. Apresentam-se ainda outras conexões filosóficas que podem ser úteis nas reflexões com os alunos e os grupos.

É importante que o professor não abandone os alunos nessa etapa, mas que utilize as aulas para que os grupos debatam os resultados de pesquisa alcançados a casa semana através de diferentes estratégias de rodas de conversa, ao mesmo tempo em que circula entre os grupos para oferecer sugestões de leituras, minilições e dicas de vídeos que ajudem na discussão das questões.

Questão 1

A partir do conceito de “lugar de fala” abordado por Djamila Ribeiro tracem um perfil do lugar de fala de Carolina Maria de Jesus que nos permita compreender sua obra.

Muito tem se falado ultimamente sobre o conceito de lugar de fala e muitas polêmicas acerca do tema têm surgido. Fazendo o questionamento de quem tem direito à voz numa sociedade que tem como norma a branquitude, masculinidade e heterossexualidade, o conceito se faz importante para desestabilizar as normas vigentes e trazer a importância de se pensar no rompimento de uma voz única com o objetivo de propiciar uma multiplicidade de vozes.

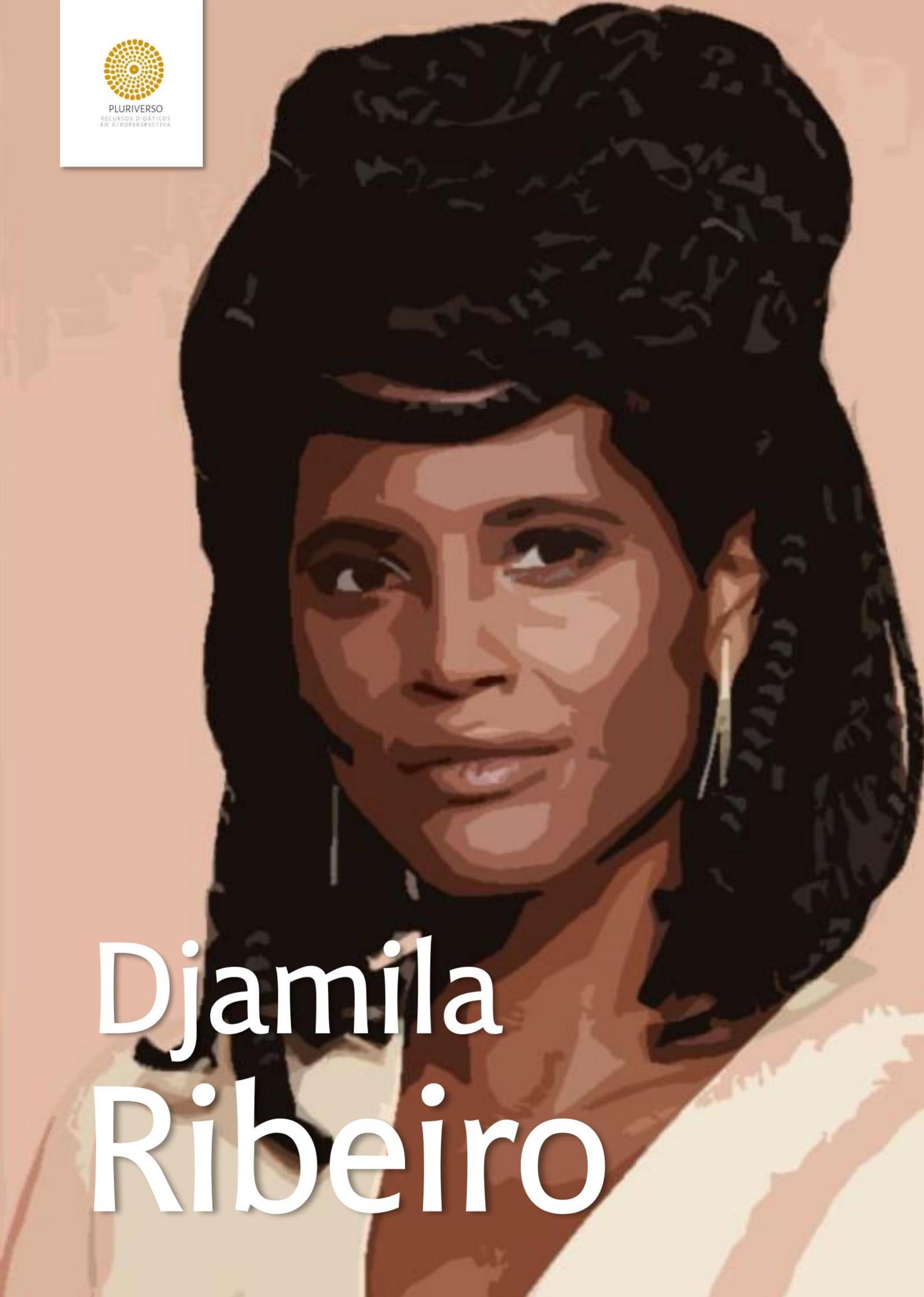
Partindo de obras de feministas negras como Patricia Hill Collins, Grada Kilomba, Lélia Gonzalez, Luiza Bairros, Sueli Carneiro, o livro aborda, pela perspectiva do feminismo negro, a urgência pela quebra dos silêncios instituídos explicando didaticamente o que é conceito ao mesmo tempo em que traz ao conhecimento do público produções intelectuais de mulheres negras ao longo da história.
(Sinopse do Livro disponível em [Amazon.com](https://www.amazon.com))

Para saber mais sobre Djamila Ribeiro e lugar de fala, acesse:

- Resenha “[O que é Lugar de Fala?- Djamila Ribeiro](#)”, por Thayanne Tavares Freitas;
- Vídeo: [Curta! Livros “O que é lugar de fala?”](#)
- Vídeo: [Apresentação de Djamila Ribeiro na 6ª Edição do FLL](#);



PLURIVERSO
RECURSOS DIDÁTICOS
EM ATROPERSPECTIVA



Djamila Ribeiro

Questão 2

Após aprofundar o conceito de “territorialidades” proposto por Milton Santos descrevam a relação de Carolina de Jesus com a cidade e a favela.

Para o geógrafo Milton Santos “o território não é apenas o resultado da superposição de um conjunto de sistemas naturais e um conjunto de sistemas de coisas criadas pelo homem. O território é o chão e mais a população, isto é, uma identidade, o fato e o sentimento de pertencer aquilo que nos pertence. O território é a base do trabalho, da resistência, das trocas materiais e espirituais e da vida sobre as quais ele influi. Quando se fala em território, deve-se, pois, de logo, entender que está se falando em território usado, utilizado por uma dada população” (SANTOS, 2000, p.96).

Desse modo, percebe-se como há uma estreita relação entre a construção de identidades sociais, grupais e individuais e o território em que cada um pode se sentir em casa.

Sugerimos que você indique aos alunos a leitura do capítulo “[Território e Culturas Juvenis](#)”, disponível online no curso proposto pelo Projeto Juventude Viva.

Questão 3

Inspirados pela proposta filosófica de Aníbal Quijano como se percebe a relação entre centro e periferias na obra de Carolina de Jesus? E no mundo capitalista, como se dá essa relação? E em nossa cidade?

O sociólogo peruano Aníbal Quijano é dos grandes nomes das propostas de decolização do conhecimento. Seus argumentos acerca da “Colonialidade” do poder e do saber nos fazem refletir que existe uma estrutura de eurocentrismo como estratégia de expansão do Ocidente e de invisibilização daquelas e daqueles que são vistos como periféricos, marginais, Outros.

No livro “Quarto de Despejo”, Carolina de Jesus muitas vezes expressa essa sensação de estar à margem, de pertencer ao quarto dos objetos inúteis, de não ser parte do centro da cidade.

Na reflexão de Quijano há a síntese da ideia de “lugar” onde cada um foi historicamente colocado tanto no sentido geográfico-espacial quanto no sentido existencial-sócio-político.

Para saber mais:

- Artigo- [Colonialidade do Poder, Eurocentrismo e América Latina \(Aníbal Quijano\)](#)
- Vídeo: Aníbal Quijano- [A América e o novo padrão de poder mundial](#), do canal Humanoide.
- Vídeo: Aníbal Quijano - [Colonialidade do poder e eurocentrismo](#), do canal Humanoide.
- Vídeo: [Pensadores da Pátria Grande- Aníbal Quijano](#);



PLURIVERSO
RECURSOS DIGITAIS
EM ATROSPERSPECTIVA

Milton SANTOS



PLURIVERSO
RECURSOS DIGÍTICOS
EM ATIVIDADES

Aníbal Quiijano

Outras conexões



POLÍTICAS ESPACIAIS- “VOCÊ NÃO PODE SER DAQUI”

Na obra *Memórias da Plantação: episódios de racismo cotidiano*, **Grada Kilomba** apresenta a vivência do racismo genderizado (racismo associado ao gênero) de jovens mulheres negras na Alemanha.

Dentre suas análises, Kilomba apresenta as chamadas “políticas espaciais” que transformam a pessoa negra em um Outro, diferente e estrangeiro, que mesmo pertencendo àquela nação é tratado como se não o fosse.

Na obra de Carolina de Jesus notamos essa impressão descrita pela autora ao destacar a sensação de ser como um objeto inútil no quarto de coisas que devem ser descartadas.

O racismo é uma violência social que, entre outros aspectos, faz com que a vítima não seja reconhecida em “seu lugar”.

PODE O SUBALTERNO FALAR?

A famosa obra “Pode o subalterno falar?” de Gayatri C. Spivak questiona a possibilidade de que pessoas subalternizadas sejam ouvidas nas sociedades marcadas pela colonialidade. Para a autora, infelizmente é impossível que isso aconteça porque essas pessoas (de modo especial as mulheres vistas como subalternas) são destituídas da condição de sujeitos (isto é, da condição de escolher livremente suas ações e sentir-se parte do espaço e da sociedade em que vive) e tornam-se objetos pelo qual falam os detentores do poder.

Ao escrever o livro “Quarto de Despejo” muitos intelectuais não acreditavam que ela realmente poderia ter escrito aquela obra, já que era uma mulher negra e favelada, não poderia ter acesso ao conhecimento escrito e muito menos escrever com tamanha força. O livro é uma obra prima da filosofia e sociologia decolonial.

Para conhecer mais:

- Livro [Pode o subalterno falar.pdf](#) (Gayatri Spivak)
- Vídeo: [Pode o subalterno falar?](#), do Canal Sociologia Animada.



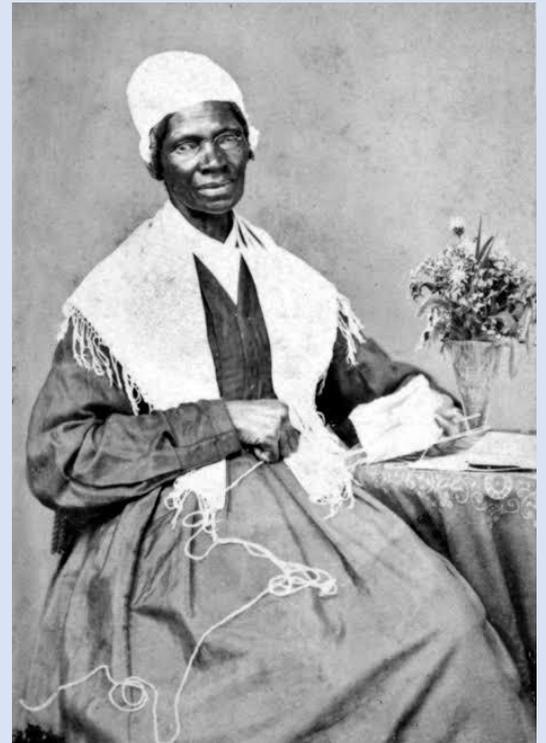
POR ACASO NÃO SOU MULHER? - SOJOURNER TRUTH

A interrogação intitula o famoso discurso proferido por Sojourner Truth durante a convenção pelos direitos das mulheres, em Akron, Ohio, 185. Nascida Isabella Baumfree em 1797, mudou seu nome para Sojourner (peregrina) no ano de 1843.

Seu discurso, atualmente um dos maiores marcos textuais do feminismo negro, foi feito em resposta a um grupo de homens que, durante a convenção, defendiam que mulheres que nem sequer conseguiam realizar atividades cotidianas sem ajuda não poderiam ter direitos civis.

Sojourner demonstra no discurso que, sendo negra, nunca foi ajudada a “descer de uma carruagem”, por exemplo. Nesse caso, não possuindo a “fragilidade característica das mulheres”, não seria por acaso uma mulher? O texto é uma ótima oportunidade para se refletir o que faz com que alguém seja homem ou mulher? E também sobre o espaço da mulher negra na luta pela conquista de direitos.

[Leia o discurso na íntegra aqui.](#)



O FEMINISMO É PARA TODO MUNDO!

Uma das mais influentes intelectuais estadunidenses, bell hooks é um dos grandes nomes do feminismo negro. Desde o início preocupou-se em aplicar a interseccionalidade na reflexão das relações entre raça, classe e gênero nos processos de opressão criados pela sociedade ocidental.

Na obra “E eu não sou uma mulher?- mulheres negras e feminismo”, hooks demonstra que a reflexão feminista hegemônica contribuiu para a opressão das mulheres negras ao não conseguir reconhecer as conexões entre racismo, sexismo e luta de classe.

Segundo hooks, há uma construção histórica de lugares comuns nos quais as pessoas são reduzidas à escravidão, sexualização e opressão. Essas construções se perpetuam ainda hoje e de algum modo, o próprio feminismo demorou para trazer a libertação da mulher negra em sua pauta.

Ao escrever em primeira pessoa e assumir um nome sem maiúsculas, bell hooks pretende realizar a crítica às pretensões de universalidade dos produtores de conhecimento ocidentais e favorecer uma leitura de mundo que permita que todos possam se expressar, especialmente os mais invisibilizados.

Para saber mais:

Artigo: [A pedagogia negra e feminista de bell hooks.](#)

Artigo: [Quem é bell hooks;](#)

PASSO 2

Roda de conversa final sobre as leituras e pesquisas realizadas.

Professor a alunos podem combinar o melhor modo de apresentação dos resultados de pesquisa pautadas nas questões orientadoras (seminário; postagem em moddle, ava, padlet, blog, página no facebook, etc; trabalho escrito, etc.).

Além dessa entrega de trabalhos formais é interessante, no entanto, promover uma roda de conversa mais informal, em sala de aula, para debater com os alunos que pontos da leitura da obra e das pesquisas sobre os filósofos mais chamaram atenção, compartilhando reflexões a partir de perguntas motivadoras de discussão feitas pelo professor.

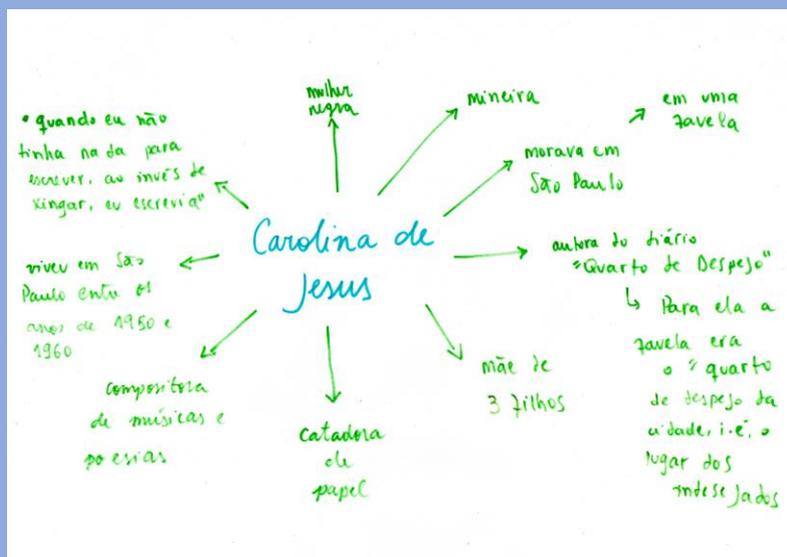
Para iniciar essa roda de conversa, sugerimos que se aplique a uma combinação das estratégia “[Gráfico de Identidade](#)” e “[Carrossel](#)”.

GRÁFICO DE IDENTIDADE E CARROSEL

PROCEDIMENTO

1 Divida os grupos conforme de leituras sugeridas na etapa (Carolina de Jesus, Djamilia Ribeiro, Aníbal Quijano, Milton Santos, etc.)

2 Peça que os alunos do grupo se empenham juntos em criar um gráfico de identidade, em uma cartaz ou cartolina, para o personagem que nomeia seu grupo. O gráfico de identidade pode ser feito como um mapa mental, no qual o nome do personagem fica no centro e a seu redor se escreve tudo o que o grupo se recorda a seu respeito (Exemplo: Carolinha de Jesus- era mulher, negra, catadora de papel, disse que as melhores pessoas para governar um país são as que passam fome, etc.)



Projeto Caçador de Mim

Mapeando os próprios lugares

3 Faça com que os grupos troquem os cartazes de modo rotativo (até que o cartaz volte para o grupo original) e dê um tempo para que cada grupo acrescente ou retire informações do novo gráfico de identidades que chegou ao seu grupo (como são autores diferentes a todo momento chegarão outros personagens).

4 Ao retornar o cartaz ao grupo original deixe que os alunos discutam entre si quais as novas informações ou correções de informações foram acrescentadas pelos colegas.

5 Discuta com toda a classe o que aprenderam com essa atividade e que elementos mais chamaram atenção na recordação dos textos trabalhados a partir da dinâmica.

Etapa 3

PRODUÇÃO



PASSO 1

OFICINAS PARA PRODUÇÃO DE MAPAS NO GOOGLE EXPEDITIONS OU COM RECURSOS IMPRESSOS.

Após a leitura da obra “Quarto de Despejo- diário de uma favelada” e do diálogo com diferentes perspectivas filosóficas, as alunas e alunos são convidados a produzir mapas dos locais de sociabilidade juvenil em sua própria cidade. Esses mapeamentos podem ser físicos (construção de um mapa em formato de cartaz, ou de panfleto) ou virtual (através do recurso de Expedição Google, que permite ao aluno criar um roteiro via Google Maps com informações e fotos dos locais que pretende apresentar.

Caso se opte por trabalhar com mapas físicos em forma de cartaz ou panfleto, podem-se imprimir ou desenhar o mapa da própria cidade com a ajuda de recursos como o Google Maps ou Google Earth.

Caso se decidam criar tours virtuais através do Google Expedições pode-se seguir as instruções abaixo:

Artigo “[Dê vida às aulas com o Expedições](#)” da Google for Education;

Artigo “[O que é o Expedições](#)” da Central de Ajuda Google;

Tutoriais de [Primeiros passos no Criador de Tours Virtuais](#) (explicam o que é o Tour Creator, como criar tours, como publicar, etc.)

Experiência: Projeto [QuebradaMaps](#) para empoderamento cartográfico nas periferias.

PASSO 2

SELEÇÃO DOS ESPAÇOS A SEREM DEMARCADOS NO MAPA E PRODUÇÃO DOS COMENTÁRIOS DE APRESENTAÇÃO DOS ESPAÇOS PARA OS LEITORES.

Após terem decidido como será realizado o produto final do projeto (virtual ou físico), os alunos escolhem os locais de socialização juvenil que pretendem destacar em seus mapeamentos. É importante ficar claro a relação que fazemos entre as noções de lugar de fala, territorialidades e construção das identidades de cada um.

É interessante que o professor retome com os alunos os critérios de avaliação do produto conforme planejados no contrato de aprendizagem e a data que estabeleceram como prazo para a entrega dos mapas às bancas avaliadoras.

Para ajudar os alunos a selecionar os locais, pode-se aplicar a estratégia de ensino “[Mapa Falado](#)” em sala de aula.

A partir dos pontos elencados na atividade, os alunos selecionam os locais mais significativos e procuram criar suas apresentações com descrições do local, do público que o frequenta e de suas relações com o espaço.

Conheça o projeto [QuebradaMaps](#): uma proposta de formação de agentes de Mapeamento Participativo e Crítico, que busca promover o empoderamento cartográfico em parceria com escolas públicas, utilizando de metodologias que favoreçam a criatividade, sejam participativas e colaborativas.

Em sua apostila “[Guias Metodológicos para Mapas Críticos e participativos](#)” o projeto oferece outras dinâmicas de mapeamento que podem ser úteis em sua turma.

PASSO 3

ENTREGA DOS ROTEIROS DE EXPEDIÇÃO PARA AVALIAÇÃO DA BANCA

Dê a liberdade para que os alunos escolham outros professores que farão a avaliação dos roteiros/mapeamentos/ rolês sugeridos. Os professores de Geografia podem ser bons parceiros em todo o projeto e nesse momento de avaliação.

Para tornar a dinâmica mais interessante o aluno pode escolher 2 professores e o professor sorteia um grupo para ler e avaliar o texto, de modo que teremos 3 avaliações do manuscrito. Após a avaliação, os alunos podem ter alguns dias para corrigir o texto final e fazer a impressão oficial.

Para avaliação

[Ficha de Avaliação dos Mapeamentos](#)

Etapa 4

AVALIAÇÃO



AUTOAVALIAÇÃO, AVALIAÇÃO PELOS PARES E PARTILHA

A autoavaliação é uma ferramenta eficaz para que o aluno se perceba protagonista do processo de aprendizagem e o ajuda a identificar seus pontos fortes e fracos. A avaliação pelos pares educa para a corresponsabilidade e o sentido de pertença a um grupo de trabalho, preparando a pessoa para a vida em cooperação e o sentido democrático da crítica construtiva.

Para a autoavaliação e avaliação pelos pares sugerimos a seguinte [ficha de autoavaliação e avaliação pelos pares](#).

Após o preenchimento e leitura das autoavaliações pode-se dar um tempo para que os alunos de cada grupo conversem entre si sobre as impressões da avaliação recebida pelos colegas e sobre o processo de aprendizagem vivenciado no projeto.

Após a partilha em grupos, o professor pode conduzir uma rodada de partilha no grupo geral permitindo que cada aluno comente qual aprendizado foi mais marcante no decorrer do projeto.

O blog, mural ou mural virtual da turma são uma lembrança comunitária do processo vivenciado. As autobiografias são uma lembrança material concreta para cada aluno e suas famílias.

Como acreditamos na vivência de uma educação reflexiva, professor e alunos podem produzir um artigo científico, paper ou relato de experiência e divulgar o projeto e seus resultados em eventos acadêmicos e seminários locais.

Etapa 5

CELEBRAÇÃO



Celebrar um caminho percorrido é um elemento fundamental nas vivências dos povos ameríndios, africanos e afro-brasileiros. A celebração ao mesmo tempo é em que recorda o passado através da memória e da ancestralidade, preenche o presente com resistência e projeta um futuro melhor na esperança.

A última etapa do projeto consiste exatamente em celebrar e divulgar o conhecimento produzido. Nesse caso, sugerimos que seja realizado um sorteio com dos roteiros de expedição produzidos e seja realizado **um passeio guiado por esses roteiros**.

Outra possibilidade é a realização de uma pequena **feira sobre os espaços de sociabilidade juvenil na cidade**, que pode ser realizada como amostra dos produtos confeccionados pelos alunos (mapeamentos/expedições). Essa feira poderia ser realizada em uma manhã ou mesmo durante o intervalo dos alunos. Caso se optasse pela manhã inteira, a feira poderia começar ou terminar com uma mesa redonda com diversos profissionais sobre espaços de sociabilidade juvenil na cidade, direitos da juventude (lazer e urbanização). relações centro-periferia, etc.

REFERÊNCIAS PRINCIPAIS

- BUARQUE, Chico. As Caravanas. In. **Caravanas**. Rio de Janeiro: Biscoito Fino, 2017. 1 CD. Faixa 9 (3:01 min)
- hooks, bell. E eu não sou uma mulher?: mulheres negras e feminismo. Tradução Bhuvi Libanio. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2019.
- JESUS, Carolina Maria de. **Quarto de Despejo**- diário de uma favelada. São Paulo, Ática, 2014.
- KILOMBA, Grada. **Memórias da Plantação**: Episódios de racismo cotidiano. Trad. Jess Oliveira. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.
- QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do poder, Eurocentrismo e América Latina. In. **A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais**. Perspectivas latino-americanas. Buenos Aires: CLACSO, Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales, 2005.
- RIBEIRO, Djamila. **O que é lugar de fala?** Belo Horizonte (MG): Letramento; Justificando, 2017.
- SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização**: do pensamento único à consciência universal. Rio de Janeiro: Record, 2000.
- SPIVAK, Gayatri Chakravarty. **Pode o subalterno falar?** Trad. Sandra Goulart Almeida, Marcos Pereira Feitosa, André Feitosa. Belo Horizonte, UFMG, 2010.



Este trabalho está licenciado sob uma Licença Creative Commons Atribuição-Compartilha Igual 4.0 Internacional. Para ver uma cópia desta licença, visite <http://creativecommons.org/licenses/by-sa/4.0/>.